

A Dura Inimiga Natureza em Frei Agostinho da Cruz: Amor e Conversão

Eduardo Sousa

Licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas (FLUL)

Inês Montês (Orientadora)

Mestrado em Literatura Portuguesa (FLUL)

DOI: 10.51427/com.est.2024.03.01.0004

RESUMO: Agostinho Pimenta, aos vinte anos de idade, no dia 3 de maio de 1561, abandonou a vida secular para tomar seu hábito capuchinho no convento de Santa Cruz da Serra de Sintra, tornando-se Frei Agostinho da Cruz. Alguns críticos buscaram os motivos dessa conversão nos versos do poeta capuchinho, considerando que eles poderiam iluminar o pouco que se sabe sobre sua biografia. Entendeu-se que terá sido uma desventura amorosa o motivo pelo qual Agostinho Pimenta terá mudado de vida. Certo, os versos em que Frei Agostinho da Cruz evoca temas comuns do amor profano e a múltipla presença de Petrarca em sua poesia podem nos levar a pensar que o poeta capuchinho poderia ter mudado de vida por esta razão. Embora esta conjectura possa fazer sentido em um nível textual, temos de ter em consideração o contexto da poesia ao divino em voga no século XVI.

PALAVRAS-CHAVE: Conversão; Frei Agostinho da Cruz; Literatura Portuguesa Clássica; Petrarca; Petrarquismo espiritualista; Poesia ao Divino.



ABSTRACT: At the age of twenty, on 3 May 1561, Agostinho Pimenta abandoned secular life to take up his Capuchin habit at the convent of Santa Cruz da Serra de Sintra, becoming Friar Agostinho da Cruz. Some critics sought the reasons for this conversion in the Capuchin poet's verses, considering that they could shed some light on the little that is known about his biography. It was understood that the reason for the changes in Agostinho Pimenta's life was a love misadventure. Of course, the verses in which Frei Agostinho da Cruz evokes common themes of profane love and the multiple presence of Petrarch in his poetry may lead us to think that the Capuchin poet could have changed his life for this reason. Although this conjecture may make sense on a textual level, we must take into account the context of divine poetry in vogue in the 16th century.

KEYWORDS: Classic Portuguese Literature; Conversion; Frei Agostinho da Cruz; Petrarch; Spiritualist Petrarchism; Poetry to the Divine.



Passados os seus erros juvenis, Agostinho Pimenta, aos vinte anos de idade, no dia 3 de maio de 1561, abandonou a vida secular para tomar seu hábito capuchinho no convento de Santa Cruz da Serra de Sintra. Desde os seus quinze anos, Agostinho Pimenta foi acolhido na nobre casa de D. Duarte, neto do rei D. Manuel I, filho do Infante D. Duarte, 4.º duque de Guimarães, e de D. Isabel de Bragança, onde gozou de uma vida faustosa e confortável,¹ e aí aprendeu a ser poeta. Porém, Agostinho Pimenta decidiu se tornar Frei Agostinho da Cruz, trocando o conforto aristocrático pela penitência rigorosa,² e queimar seus versos cantados durante sua cega e errante juventude,³ suscitando assim dúvidas e suspeições sobre os motivos de sua conversão.

Não foram poucas as conjecturas de que Frei Agostinho da Cruz teria se convertido à dura vida religiosa por conta das setas e feridas de Amor. D. Carolina de Vasconcellos, por exemplo, dispensa qualquer argumentação (como se isso

¹ Mendes dos Remédios, no seu prefácio à edição das obras completas de Frei Agostinho da Cruz, lista os fidalgos que frequentavam os Paços de D. Duarte que podem ter tido relações com Agostinho Pimenta: “D. Alvaro, Duque de Aveiro, sobrinho do 1º Duque de Aveiro D. João de Lencastre, e D. Jorge, Duque de Torres Novas [...]” e “ao lado dos representantes da mais lídima raça portuguesa Agostinho Pimenta encontraria, dum escol de talento e mocidade: seu irmão, por exemplo, mais velho que êle apenas sete anos, a quem as musas sorriam desde o berço; Pedro de Andrade Caminha [...] o Dr. Antonino Ferreira, [...] cavaleiros e fidalgos do desempenho de funções no Paço dos reis, como D. Diogo Lopes de Lima, Comendador de Victorino e das Pias, camareiro do Infante D. Luis e, depois, como Caminha, do senhor D. Duarte, D. Francisco Barreto de Lima, védor da casa real e cavaleiro exforçado, a quem o Poeta traça o mais entusiástico elogio [...] um amigo que não nomeia, uma pessoa amiga que também não nomeia, uma tal D. Branca, e ninguém mais” (Remédios 1918, 15-16).

² “Os capuchos, sob o signo e a influência de S. Pedro de Alcântara, homem de austeríssima rigidez, quase desumana nos excessos da mortificação, tinham-se estabelecido, na Arrábida, na via eremítica, desde 1539, quando para ali viera, de Múrcia, Frei Martinho de Santa Maria. (...) A presença de Frei Pedro de Alcântara marcou, profundamente, a espiritualidade dos Capuchos que praticavam rigorosíssima penitência, visando a destruir, no homem, a tríplice concupiscência que o enraíza em si e no mundo. [...] A regra obrigava os frades a andarem vestidos de pano vil e grosseiro, remendado até ao fio, e descalços; dormiam sobre uma esteira ou cortiça; jejuavam a pão, água e poucas ervas cozidas; guardavam silêncio, e, além da reza do ofício Divino, faziam, todos os dias, três horas de oração mental” (Maria Lourdes Belchior *apud* Vanda Anastácio 1999, 90).

³ “Os versos, que cantei importunado / Da mocidade cega a quem seguia, / Queimei (como vergonha me pedia) / Chorando, por haver tão mal cantado” (Cruz 1994, 46).

se tratasse de um fato adquirido) quando apresenta o poeta como “aquele [...] que, ferido perto dos vinte pelas sétas do Amôr e envenenado por difamação, se fez Capuchinho” (Vasconcellos 1924, 1). E da mesma forma, Teixeira de Pascoaes não apresenta senão um verso⁴ para romantizar a vida do poeta capuchinho, que segundo ele teria emudecido “a sua alegria falada de outros tempos [...] ante aquela dama fria e sorridente: um bloco de gelo e formosura que se cravou no coração” (Pascoaes 1987, 115).

Já Hemetério Arantes, indo além da mera constatação de um suposto fato adquirido, expõe diversos versos que, para ele, constituem provas de que certamente “Agostinho Pimenta abandonou o mundo por causa d’um amor infeliz” (Arantes 1909, 34). Em seu comentário, Arantes chega a considerar que os versos de Frei Agostinho da Cruz são reflexos da biografia do poeta capuchinho e faz afirmações sobre sua vida a partir da sua poesia.⁵ Assim, os versos onde podemos encontrar certos traços da lírica amorosa como praticada na sua época constituíram, para Hemetério Arantes, provas de que o frade capuchinho ter-se-ia convertido por conta de uma desventura amorosa.⁶

Porém, como afirma Maria Eugénia Ferreira, “tudo quanto sabemos da vida mundana de Agostinho Pimenta é muito escasso para aventurar conjeturas

⁴ “Que a lágrimas comprei quem me vendia” (Cruz 1918, 4).

⁵ “Não são threnos mysticos [quasi todas as Eclogas, as Elegias e as Cartas], ou, se o são, nascem quasi sempre d’um pedestal bem terrestre, ora pela ribeira do Lima, ora pela do Tejo, de fórma que todos esses pedestaes reunidos constituem uma verdadeira autobiografia, tão sólidos, tão insistentemente concordes, tão vincados pelo escopro da Verdade se nos patenteiam” (Arantes 1909, 33).

⁶ Em sua argumentação, Hemetério Arantes utiliza como exemplo versos da Écloga II: “[Flávio]: Eu, Mincio, não nasci para ter gosto. [...] Acabaram-se as nossas alegrias, / Secaram-se os altivos pensamentos; / Quantas mudanças em tão poucos dias! [...] Dum novo, não sei qual, amor ferido” (Cruz 1918, 22-24), da Écloga IV: “[Limabeu]: “Que queres que te conte hum magoado / Da setta, que atirou aquelle braço, / Do qual elle devera ser guardado?” (id., 35), ou, por exemplo, o soneto IV, onde o poeta capuchinho declara que “Bem pode amor cruel, se ha quem o mande, / Esta sombra da vida desfazer-me, / Seguindo seu costume desh humano” (id., 170).

desta índole” (Ferreira 1957, 37). De forma que não podemos tirar conclusões biográficas sobre os motivos da conversão de Frei Agostinho da Cruz a partir de sua poesia. Assim, Maria Eugénia Ferreira afirma que os versos alusivos a desilusões amorosas presentes na poesia de Frei Agostinho da Cruz “têm por vezes levado longe demais aqueles [como Hemetério Arantes] que se pretendem basear nesses frágeis indícios” (ibid.). E da mesma maneira, Daniel Faria afirma que estas “interpretações românticas” só podem ser sustentadas por uma “leitura *preconceituosa*” dos versos do poeta capuchinho (Faria 1999, 118; *ênfase original*).

Certo, confundir o eu lírico com o autor de um texto implica, geralmente, em um erro. Mas na poesia bucólica, como afirma Vanda Anastácio, “os nomes dos pastores são frequentemente anagramáticos dos de personagens conhecidas e a alusão a acontecimentos concretos é recorrente” (Anastácio 1999, 93). E assim, como devemos ler as écloas em que Frei Agostinho da Cruz alude a histórias de dores amorosas do seu criptónimo, Limabeu, e Limiana?⁷ Certamente, nada podemos afirmar sobre Agostinho da Cruz levando em consideração apenas a sua

⁷ Na Écloga XII, Míncio diz-nos que Limiana partira no mesmo dia que Limabeu e que nunca mais ninguém a vira. E Limabeu então declara que completava dois anos “O silencio que rendeu seu espirito!”, e revela a Míncio um soneto deixado por Limiana quando ela o reconheceu, mas devido ao seu aspecto de pobre peregrino, ele não a reconheceu. Com este soneto, percebemos a natureza amorosa da relação de Limiana e Limabeu: “Depois que conheci que não podia / O nosso justo amor ser apartado”. Porém, nesta écloga não há desenvolvimento algum da possível história do justo amor entre eles, nem esclarecimento do motivo pelo qual Limiana teria partido no mesmo dia que Limabeu. Mas logo no início da Écloga “A conuersão de hua pessoa que outra conuerteo” — écloga que Daniel Faria considera como uma analepse da Écloga XII (Faria 1999, 89) — Limiana confessa que havia sido “soberba cruel imgrata esquiva” a quem lhe tinha sido “tão brando claro e puro” (Cruz apud Silva 1971, 524-25) julgando que isso a “fizesse mais fermoza”, e que tinha fingido uma dureza no seu coração contra as paixões de seu pretendente. Ainda que quisesse mostrar ao seu pretendente o fogo que também consumia seu coração, nunca declarou seu amor a “quem cantava de mim [de Limiana] ao sol e a lua” (id., 526). Arrependida após a partida do pastor que a amara, Limiana declara que como o seu amante mudou sua vida, conviria que ela mudasse a sua: “Comueum pois me mudou mudar a vida / naquella em q a sua tem mudado. / A seguillo de todo estou rendida” (id., 527). Versos estes que, segundo Daniel Faria (1999, 92), aludem e explicam o terceiro e o quarto versos do quarteto inicial do soneto deixado por Limiana na Écloga XII: “Como comigo a ti te tinhas dado, / Me dei contigo a quem dar-me devia” (Cruz 1918, 84). E assim, o pastor a quem Limiana fingira dureza no seu coração se trataria de Limabeu.

poesia. Porém, o leitor pode facilmente desconfiar que o frade capuchinho teria se convertido ao mundo religioso devido a um desencontro amoroso. Desconfianças que são ainda mais estimuladas por conta da evidente presença de um certo ingrediente profano em sua poesia.

Qualquer leitor que leia um poema com temática amorosa escrito nos séculos XVI e XVII se depara, constantemente, com Petrarca. E qualquer poeta deste período, para aprender a escrever poesia, lia Petrarca. De forma que os códigos e figuras amorosas concebidos pelo poeta italiano foram abundantemente imitados pelos poetas da Europa setecentista e oitocentista. Embora Frei Agostinho da Cruz devesse, enquanto frade capuchinho, renunciar a todas as formas de amor mundano e não se dedicar senão ao que é Sagrado, ele não escapa das tendências da sua época, fazendo em sua poesia um constante recurso à profana matriz petrarquista.

Com efeito, as diversas alusões de Frei Agostinho da Cruz a uma cega e vã mocidade são feitas em alusão à Petrarca.⁸ E não há dúvidas de que o “primeiro

⁸ Como exemplificam o Soneto XXI, onde o poeta declara que a Serra é um local reservado onde pode chorar as lágrimas dos seus pecados feitos em tempos mal passados: “As cabras, que inda guardo nesta Serra, / São lagrimas chorar por meus pecados / Na lembrança dos tempos mal gastados”(Cruz 1994, 75); o Soneto LIII onde o poeta declara que passou uma mocidade vã da qual ressentido diversas culpas: “Passei a mocidade sem proveito, / Antes contra meu Deus acrescentando / Culpas a quantas culpas tenho feito;” (id., 97); a Elegia II, onde o poeta diz que ora se põe a rir e ora a chorar os seus erros juvenis: “Ora me ponho a rir da vaidade, / Ora triste a chorar com quanto estudo / Erros solicitei da mocidade” (id., 162); a Elegia IX, dedicada à morte de seu irmão Diogo Bernardes, onde o poeta enuncia que também seu irmão teria chorado e gemido a sua vã mocidade: “Tinhas corado assaz, tinhas gemido / O tempo vão da verde mocidade, / Na madura velhice conhecido” (id., 191); a Écloga “Maya e Limiana Conuertidas”, onde Maya declara que tinha amado e sido amada nos seus mais tenros anos: “No principio dos meus mais tenros annos / amei e fui amada cubiçando / o que ouuia louvar entre os humanos” (Cruz apud Silva 1971, 513); a Écloga “A comuersão de hũa pessoa que outra conuerteo”, onde Limiana nos alerta para o carácter ilusório da juventude “A sega mocidade nos emgana / escondenos o bom com o mau nos çeuca / assi uerdes nos troçe emgana e dana” (id., 527); e, enfim, a Écloga V, onde Lauro, que sofre uma cruel guerra causada pela sua paixão por Liana, “(Liana, que lhe fez tão cruel guerra)” (Cruz 1918, 54), conta que com lúcidos olhos vê agora todos os desenganos que sofreu no mundo, e que não consegue agora lograr a suavidade que emana de Deus por conta de culpas que plantou na sua juventude: “Eu não deixo de ver o que m’engana, / E com muito mais claros olhos vejo / Aquillo com que o mundo desengana. / [...] / Mas não poder lograr a suavidade, / Que Deus reparte só

juvenil error” de Petrarca ([1470] 2018, 35) refere-se aos tempos da sua mocidade em que se tinha apaixonado por Laura. Mas não podemos seguramente afirmar que a “mocidade cega a quem seguia” (Cruz 1994, 46) Frei Agostinho da Cruz se refira a uma altura em que o poeta teria cedido a uma mundana paixão, por mais que o poeta capuchinho faça uma adaptação das duas quadras do primeiro soneto do *Canzoniere* de Petrarca no Soneto II,⁹ repita constantemente o tema herdado do poeta italiano em toda a sua obra e tenha, como Petrarca, vergonha dos versos que nasceram desse erro juvenil.¹⁰

Contudo, ao lermos Frei Agostinho da Cruz, somos levados a pensar que a relação entre os poemas de Frei Agostinho da Cruz com o motivo petarquista aponta para um enamoramento de Agostinho Pimenta nos tempos de sua juventude – sendo esse o erro de mocidade que o poeta lamenta. Dessa forma, embora Hemetério Arantes não o explicita, talvez tenha sido esse o motivo que o levou a afirmar que Soneto II constitui um exemplo entre os sonetos do poeta “de versos d’amor profano, que qualquer lyrico não engeitaria, demais eivados d’aquelle pessimismo, d’aquelle desanimo peculiar ao subjectivismo amoroso”

com seus amigos / São culpas, que plantou a mocidade” (id., 46), da mesma forma como Petrarca, no *RVF 1*, declarou que agora, arrependido do seu vão enleio juvenil, vê claramente que tudo o que agrada ao mundo não se passa de breve sonho: “e arrepender-me e ver tão claramente / que tudo quanto agrada ao mundo é breve sonho” (Petrarca 2018, 35).

⁹ A correspondência entre os quartetos dos sonetos fala por si: “Os versos, que cantei importunado / Da mocidade cega a quem seguia, / Queimei (como vergonha me pedia) / Chorando, por haver tão mal cantado. / Se nestes não ficar tão desculpado / Quanto mais alto estilo merecia, / Não me podem negar a melhoria / Da Mudança, que fiz dum noutro estado” (Cruz 1994, 46). “Vós que escutais em rima esparsa o som / do gemer que a meu peito deu vigor / no meu primeiro juvenil error, / quando era em parte outro homem, e no tom / do vário estilo em que eu discorro com choro, / esperanças vãs e esta vã dor, / onde haja quem provado tenha amor, / perdão e piedade espero em dom” (Petrarca 2018, 35).

¹⁰ Frei Agostinho da Cruz declara na Elegia XV que dos versos que teriam nascido da sua cega e vã mocidade apenas colheu vergonha: “Das prosas que limei, das rimas minhas, / Que proveito colhi, senão vergonha, / Nas estranhas nações e nas vizinhas?” (Cruz 1994, 213), da mesma forma como faz Petrarca: “Mas o falar de todo o povo escuto / a que dei azo e repetidamente / de mim comigo mesmo me envergonho; / e desse enleio vão vergonha é o fruto” (Petrarca 2018, 35).

(Arantes 1909, 37).

Desenganado do mundo, Frei Agostinho da Cruz decide fugir de todo convívio humano buscando abrigo na Serra,¹¹ pretendendo nela cavar sua sepultura e viver até ao último dia da sua vida.¹² Na natureza, o poeta derrama suas inúmeras lágrimas¹³ e, a partir da contemplação da beleza dela, descobre ideias eternas e imutáveis.¹⁴ Porém, por mais que o poeta tenha pretendido encontrar um local seguro na serra para apenas se dedicar a Deus,¹⁵ uma força que o poeta designa como “dura inimiga natureza”¹⁶ lhe faz guerra e por vezes faz que o poeta

¹¹ Motivo muito frequente na obra de Frei Agostinho da Cruz que pode ser resumido pelos versos: “Dos males, que passei no povoado, / Fugi para esta Serra erma e deserta, / Vendo que quem servir seu Deus acerta, / Certo tem tudo o mais ter acertado” (Cruz 1994, 88).

¹² Como exemplificam, entre outros, os versos da Elegia VI: “Agora, que de todo despedido / Nesta Serra d’Arrabida me vejo / De tudo, quanto mal tinha entendido. / Com mais quietação, livre desejo, / Nela quero cavar a sepultura, / Que não junto do Lima, nem do Tejo” (id., 177), e o Soneto XXXVIII “A seu irmão Diogo Bernardes”: “Do Lima, donde vim já despedido, / Cavar cá nesta serra a sepultura” (id., 151).

¹³ Almilão, por exemplo, na Écloga IX, declara que apartado dos outros homens pode desabafar o seu triste peito: “Aqui descobrir posso meus segredos / Para desabafar meu triste peito: / Que não tem peitos de homens os penedos!” (Cruz 1918, 67). E na Elegia XII o poeta expressa que quer estar sozinho no seu sofrimento: “No meu [mal] comigo só me quero achar, / Que só chorar-me quero a mim comigo” (id., 203), versos alusivos à subjetividade lírica petrarquista: “de mim comigo mesmo me envergonho” (Petrarca 2018, 35).

¹⁴ Luis de Sá Fardilha assinala que Frei Agostinho da Cruz faz uso do modelo de contemplação agostiniana em que ao contemplar-se a beleza da natureza, “podemos conhecer o que as criaturas nos revelam do seu criador” (Fardilha 1994, 126). Assim devem ser interpretados, por exemplo, os versos: “Os meus olhos dali dependurados, / Pergunto ao mar, às ondas, aos penedos / Como, quando, por quem foram criados? / Respondem-me sem segredo, mil segredos / Cujas letras primeiras vou cortando / Nos pés de outros mais verdes arvoredos. / Assim com cousas mudas conversando / Com mais quietação delas aprendo, / Que de outras, que ensinar querem falando / Se pelejo, se grito, se contendo / Com armas, com razões, com argumentos, / Elas só com calar ficam vencendo” (Cruz 1994, 161).

¹⁵ Como o poeta arrábido declara na Écloga I, por exemplo, a serra defende-o de uma cruel guerra, e dela, vendo formosas cores do céu, o poeta esquece-se do mundo: “Aqui não temerei a cruel guerra; / Daqui verei no Ceo formosas côres; / Assi me esquecerão cousas da terra” (Cruz 1918, 21).

¹⁶ Em diferentes momentos da sua obra, Frei Agostinho da Cruz evoca uma natureza inimiga que o perturba no seu refúgio dos outros homens. Na Elegia II, o poeta arrábido expressa que mesmo na Serra ou em qualquer lugar aonde vá, a sua dura inimiga natureza lhe faz guerra: “Cuidei que se esquecesse nesta Serra / A dura minha inimiga natureza; / Mas onde quer que vou, lá me faz guerra” (Cruz 1994, 163). Na Elegia XVIII, o poeta arrábido expressa que sua alma, vendo-se perseguida por seus inimigos, está esquecida do Senhor, para em seguida declarar o triunfo dos seus inimigos:

se desvie do caminho ao Divino, sentindo-se por vezes como era antes de sua conversão.¹⁷

E novamente, Frei Agostinho da Cruz recorre a Petrarca e a um vocabulário bélico para descrever as dificuldades que encontra na via de sua devoção. Atentemos, por exemplo, no modo como o poeta descreve a “cruel guerra” que sofre no soneto XLIX. No primeiro quarteto deste soneto, o poeta questiona o Senhor sobre em que arte da terra poderia estar para bem se aproximar do céu.¹⁸ Porque onde quer que vá, em qualquer ribeira, serra, ou vale, um cruel inimigo

“Pois, senhor, porque será tão esquecida / A minha alma de vós, que está chorando / Ver-se de seus imigos perseguida? / Olhai, meu Jesu, que se vão gastando / Meus ossos e se consumem com dor, / E meus imigos estão triunfando” (id., 224). Na Elegia XVI, o poeta capuchinho diz que não sem queixas da companhia de uma dura natureza, prossegue seu caminho: “Assi vou, pouco e pouco, meu caminho, / Não sem queixas da dura natureza, / Em cuja companhia ainda me espinho” (id., 215). Já na Elegia I, o poeta declara que o cruel inimigo que lhe causa tamanho mal é ele mesmo, sendo ele também o que chora consigo mesmo: “Eu mesmo fui a mim o desleal; / Eu mesmo fui a mim cruel imigo; / Eu mesmo fiz a mim tamanho mal. / Eu fui o que me fui pôr a perigo / De tanta ingratidão, tanta crueza; / Eu sou o que só choro a mim comigo” (id., 156). Enquanto no soneto XVII, o poeta declara que nosso inimigo se aproveita do repousado sono que alivia o trabalho e agonia que Deus obrigou à nossa natureza: “Por refugio das gentes ordenastes / O repousado sono, que alivia / O diurno trabalho e agonia, / A que nossa natureza obrigastes. / Pois deste se aproveita o inimigo, / Representando em sonhos e abusões, / Com que a vossa majestade ofendamos” (id., 129). Em determinados passos, como no soneto LXIV, o poeta diz que sua fraca natureza, que não deixa de ladrar um só momento, é uma consequência do pecado original de Adão: “Se sendo, / meu Senhor, por vós formado / Adão, antes de ser o mal nascido, / Pecou, que fará quem foi concebido / Nas entranhas, que já tinham pecado? / [...] Tão fraca ficou minha natureza, / Que levantar não deixa o pensamento / Da terra, a que está atada e presa, / Tão imiga do meu merecimento, / Que se morder não pode na pureza, / Não deixa de ladrar um só momento” (id., 108).

¹⁷ Dificuldades que desviam o poeta da sua via ao Divino, “posto que de Vós tanto me desvio” (id., 167), fazem que em determinados momentos o poeta se sinta pior do que antes era: “E eu de mal em pior também me mudo” (id., 162), e que não confie em si e tenha temor de si próprio: “Mas se agora de mim não me confio, / Se fujo, se me escondo, se me temo, / É porque sinto fraco o peito, e frio” (id., 163). Além disso, Almilão, personagem das *Éclogas* que segundo Daniel Faria também deveria ser considerado como um criptónimo de Agostinho Pimenta (Cf. Faria 1999, 71-82), declara que sua vida, pendurada em gostos falsos que o remordem e espinham, vai qual a sua vida anterior: “Vai-se me consumindo a vida minha / D’um gosto noutra falso pendurada; / Dos quaes hum me remorde, outro m’espinha. / Resolver-me que foi mal empregada, / Determinar emenda que aproveita, / Pois a presente vai qual a passada?” (Cruz 1918, 78).

¹⁸ “Mostrai-me, meu Senhor, em que deserto, / Em que ribeira, vale, monte, ou serra, / Em quanto me deixais andar na terra, / Do ceo me deixareis andar mais perto” (Cruz 1994, 93).

lhe faz cruel guerra, ainda que tente se defender dele.¹⁹ Com efeito, para escrever tais versos Frei Agostinho serve-se do mesmo procedimento e do utilizado por Petrarca no *RVF* 129 (onde declara que logo que encontra repouso para sua alma em montes ou selvas solitárias, encontra um inimigo mortal²⁰), ou no *RVF* 35 (onde Petrarca declara que, tendo fugido dos outros homens,²¹ não importa onde vá, seu inimigo, Amor, de quem fugia, surge discutindo com o poeta, e o poeta com Amor²²). E além disso, assim como Frei Agostinho da Cruz, Petrarca utiliza constantemente a guerra como metáfora do seu sofrimento amoroso, como exemplifica o primeiro quarteto do *RVF* 107:

Não vejo onde escapar-me doravante:
tão longa é a guerra em que uns olhos me trazem,
que eu temo, ah, tormentos que me arrasem
o coração que a trégua não garante.

(Petrarca 2018, 73)

Enfim, por mais que Petrarca e Frei Agostinho da Cruz cheguem por vezes a desejar a morte para aliviar seus conflitos,²³ nesta guerra contra seu cruel inimigo

¹⁹ “Que pois, ou coberto ou desencoberto, / Me faz cruel imigo cruel guerra, / De quanto dentro em mim mesmo se encerra / Lugar de defesa tinha mais certo” (Cruz 1994, 93). Queixa também presente na já mencionada Elegia II: “Cuidei que se esquecesse nesta Serra / A dura minha imiga natureza; / Mas onde quer que vou, lá me faz guerra” (id., 163).

²⁰ “Por altos montes, duras selvas provo / algum repouso; e onde se habite, logo / inimigo mortal aos olhos hei” (Petrarca 2018, 208).

²¹ “Só, pensativo, o ermo descampado / vou medindo com passo tardo e lento, / e olhos desvio a evitar atento / vestígio humano no areal marcado” (id., 81).

²² “Porém áspera via ou tão selvagem, / não sei buscar que Amor não venha sempre a / discorrer já comigo e eu com ele” (id., 81).

²³ Frei Agostinho da Cruz expressa no Soneto V, escrito em castelhano, que morrer lhe agradaria porque sofre de um mal que nunca teve mudança alguma: “A mi solo el morir me agradaria, / pues sufro un mal que nunca hizo mudable / ave, flor, fiera, fuente, hierba, arco, o rio” (Cruz 1994, 245), da mesma forma como Petrarca no *RVF* 8 nomeia a morte como único conforto da vida que temos: “Mas do mísero estado em que nos vemos / trazidos da outra vida calma e cheia, / um só conforto, e é da morte, temos” (Petrarca 2018, 42).

— ou como exprime Maria Eugénia Ferreira, nesta “luta do Homem e do Poeta em face do Bem e do Mal” (Ferreira 1957, 66) —, eles possuem a mesma esperança: o amparo de Deus. Assim, Petrarca no *RVF* 62, por exemplo, roga a Deus que, com Sua iluminação, possa buscar outra vida e ações mais sagradas, de forma que seu duro adversário tenha lançado suas redes em vão,²⁴ e no final pede misericórdia evocando imagem do padecimento de Cristo na cruz.²⁵ Da mesma forma, Frei Agostinho da Cruz finaliza muito frequentemente suas *Éclogas* e *Elegias* em um arrebatamento de amor Divino, evocando imagens da dor e paixão de Cristo e encontrando Nele proteção contra os seus males.²⁶

Assim, encontramos constantemente traços da lírica amorosa de Petrarca nos versos em que o poeta arrábido expressa as dores e dificuldades que sente na serra, já em um momento *após a sua conversão*. E podemos ser levados a pensar, por conta da presença do poeta italiano nestes versos, que Frei Agostinho da Cruz não tivesse apenas se convertido por conta das setas de Cupido, como discutimos

²⁴ “Faça teu lume [Pai do céu] os meus passos volvidos / à outra vida e a empresas mais sagradas, / e tais que tendo em vão redes lançadas, a meu duro adversário vão fugidos” (Petrarca 2018, 116).

²⁵ “Misere do meu indigno dano; / vãos pensamentos põe em melhor lado; lembra-lhes como hoje foste à cruz” (ibid.).

²⁶ Motivo frequente na poesia de Frei Agostinho da Cruz que pode ser resumido pelos seguintes versos presentes no final da *Elegia XVIII* Ao divino amor: “Assi a vós será minha oração, / A vós, a vós, ó Deus de minha vida, / Meu Redentor, e minha salvação. / Pois, Senhor, porque será tão esquecida / A minha alma de vós, que está chorando / Ver-se de seus imigos perseguida? / Olhai, meu Jesu, que se vão gastando / Meus ossos e se consumem com dor, / E meus imigos estão triunfando. / Dizendo: - onde está o teu Senhor, / E o teu Deus por que suspiras, / A quem amas com tão firme amor? / Ó alma, porque me dás tu tormento, / Espera e terá o teu mal cura, / Espera e verás teu contentamento. / Espera e verás sua fermosura, / Verás sua eterna majestade, / Verás a sua divindade pura, / E assim fartarás a tua vontade” (Cruz 1994, 223-224); ou pelos seguintes versos no final da *Écloga IV*: “[Limabeu]: Choro, suspiro, e grito: Meu Senhor, / Que morre por amor de quem o mata! / Ah! gente dura, ingrata, gente cega. / Que prende, acusa, e préga n’um madeiro / Hum tão manso Cordeiro, antre ladrões! / Ah! crueis corações! crueza minha! / Adonde triste tinha o pensamento / Qual outro sentimento, quaes aggravos / Se não Coroa, e Cravos, Lança, e Cruz, / Vossa morte, e paixão, doce JESUS. / [Míncio]: Quantas mercês recebes do Senhor! / [Limabeu]: Ainda muitas mais do que imaginas. [...] [Míncio]: Caminhos são do Ceo na terra abertos, / Por onde mais seguro hum pastor anda, / Sem se mover daqui destes desertos” (Cruz 1918, 39-40).

anteriormente, mas que também pudesse ter sofrido, após sua conversão, uma dura e cruel guerra por conta de ataques do amor, que dividiriam o poeta entre a sua devoção exclusiva a Deus e entre os seus desejos mundanos. De forma que a “dura imiga natureza” (Cruz 1994, 163), da qual Frei Agostinho da Cruz se queixa constantemente, se pudesse tratar de Amor.

Porém, apenas podemos sustentar esta leitura em um nível textual, isto é, se ignorarmos as lacunas biográficas da vida de Agostinho Pimenta e o contexto em que a poesia ao divino de Frei Agostinho da Cruz se inseriu. Com efeito, “la poésie de dévotion, dans le grand mouvement de reconquête des âmes de la fin du XVIe siècle au début du XVIIe siècle, réutilise abondamment le pétrarquisme”, mas sempre “au service de la foi”²⁷ (Rieu 2012, 69). Assim, antes de concluirmos, é necessário discutirmos o uso que Frei Agostinho da Cruz e seus contemporâneos faziam da poesia lírico-amorosa de Petrarca.

O *Canzoniere* de Petrarca fornece para a poesia ao divino, além de um modelo de linguagem, “des topiques de l’amour très caractéristiques” que são “réexploitées au prix de transpositions, de détournements, et de “placages” parfois surprenants”²⁸ (ibid.). E assim como seus contemporâneos, Frei Agostinho da Cruz apropria-se da lírica profana de Petrarca para convertê-la a um plano religioso. Na sua poesia, a seta de Cupido torna-se um instrumento para o amor Celestial.²⁹ A ferida de amor (*vulnus amoris*) não causa senão um amor Divino.³⁰

²⁷ Tradução editorial: “a poesia devocional, no grande movimento de reconquista das almas do final do século XVI ao início do século XVII, reutiliza abundantemente o petrarquismo”, mas sempre “ao serviço da fé”.

²⁸ Tradução editorial: “tópicos do amor muito característicos” que são “reexplorados à custa de transposições, desvios e ‘adaptações’ por vezes surpreendentes”.

²⁹ “Oh como se converte, rende e muda / Aquela alma ditosa, que trespassa / De amor celestial a seta aguda!” (Cruz 1994, 179).

³⁰ “Disseram-me que estava cá metido [um tão verdadeiro amigo d’alma minha (Limabeu)] / Junto do mar Oceano numa serra, / Dum novo, não sei qual, amor ferido” (Cruz 1918, 24).

O fogo de amor (*ignis amoris*) agora faz com que a alma do poeta não arda senão de amores por Deus.³¹ Ao contrário dos códigos petrarquistas em que o amante deseja transformar-se em sua amada, em sua poesia o poeta capuchinho expressa o desejo de se transformar em Deus.³² E, por fim, Frei Agostinho da Cruz também faz uma adaptação (sempre convertendo-os) dos célebres versos em que Camões define o amor segundo os códigos comuns da sua época.³³

Também não podemos nos esquecer que o *Canzoniere* narra a história da conversão religiosa de Petrarca, que inicia o seu livro expressando o seu arrependimento do seu primeiro erro de juventude, e finaliza-o com uma oração para a Virgem. Assim, “Le poète italien présente lui-même son expérience comme exemplum édifiant de l’amour humain qui s’est égaré en vouant à une créature mortelle l’amour absolu dû à Dieu seul”³⁴ (Rieu 2012, 71). De forma que os poemas de Petrarca poderiam ser lidos em função de um “profit spirituel”, fornecendo testemunhos pessoais das dores que são causadas pelo amor mundano e incitando os próprios leitores a também se converterem (*ibid.*).

Com efeito, a poesia ao divino revestia-se de um carácter ético e estético, ou seja, “tinha não somente uma intenção moral – de orientação de conduta –, mas também uma finalidade estético-literária” (Maerki 2016, 246). E assim, seguindo

³¹ “Onde minha alma em puro fogo acesa, / Não sinta, nem consinta, outro desejo / Se não ficar do amor divino presa” (Cruz 1994, 210).

³² “Como é próprio de amante desejar-se / Na cousa amada todo transformado, / E vós [S. Francisco] com tanto amor o desejastes, / Deos, de vosso ardor santo namorado, / Quis também nesse hábito encerrar-se, / e vós no próprio Deos vos transformastes” (*id.*, 143).

³³ “Amor, que tudo quer, nada consente / Amor, que se não vê, sendo luz clara, / Amor, que do ceo vem, e no ceo para, / Amor, que quem o sente, não se sente” (Cruz 1994, 146). “Amor é fogo que arde sem se ver; / É ferida que dói e não se sente; / É um contentamento descontente; / É dor que desatina sem doer” (Camões [1572] 1990, 201).

³⁴ Tradução editorial: “O poeta italiano apresenta ele mesmo a sua experiência como um exemplo edificante do amor humano que se perdeu ao dedicar a uma criatura mortal o amor absoluto devido apenas a Deus”.

as tendências da sua época e “apostado [...] em dizer a falsidade do mundo e as verdades do amor” (Faria 1999, 105), Frei Agostinho da Cruz usa a linguagem petrarquista para contar, sobretudo em suas éclogas, casos de decepções e desenganos do mundo com o objetivo de promover no seu leitor um desgosto por tudo o que é secular, e um desejo de se aproximar cada vez mais do Divino, carácter didático de sua poesia que é exemplificado pelos dois tercetos do Soneto

II:

Que vai que sejam bem ou mal aceitos [estes versos]
Pois não os escrevi para louvores
Humanos, pelo menos perigosos

Senão para plantar em ternos peitos
Desejos de colher divinas flores
À força de suspiros saudosos.

(Cruz 1994, 46)

Em conclusão, um leitor de Frei Agostinho da Cruz pode ser levado a pensar que o poeta se tenha convertido por conta de uma desventura amorosa durante sua juventude. As éclogas em que o poeta conta desencontros amorosos do seu criptónimo e a abundante presença de Petrarca em sua poesia tentam-nos a ler a poesia religiosa do poeta capuchinho a partir de um prisma profano. Porém, uma leitura desta natureza apenas poderia ser sustentada se ignorássemos não só o contexto da poesia ao divino — que abundantemente utilizava a linguagem petrarquista, mas sempre para convertê-la —, como também que os versos de um poeta não são um espelho de sua vida.

Referências

- Anastácio, Vanda. 1999. "Amenos desertos (em torno das Éclogas de Frei Agostinho da Cruz)". *Lusitania Sacra* (11): 87-110. <https://doi.org/10.34632/lusitaniasacra.1999.7503>.
- Arantes, Hemetério. 1909. *Frei Agostinho da Cruz - Notas á margem d'uma Historia dos Quinhentistas*. Lisboa: Livraria Editora Guimarães & C^a.
- Camões, Luís Vaz de. (1572) 1990. *Os Lusíadas*. Tomo II. Alfragide: Ediclube.
- Cruz, Frei Agostinho da. 1918. *Obras de Fr. Agostinho da Cruz*. Coimbra: França Amado - Editor.
- Cruz, Frei Agostinho da. 1994. *Sonetos e Elegias*. Lisboa: Hiena Editora.
- Fardilha, Luis. 1994. "Natureza e retórica em Fr. Agostinho da Cruz". *Via Spiritus* (1): 111-32. <https://ojs.letras.up.pt/index.php/vsp/article/view/7000esa>.
- Faria, Daniel. 1999. *A vida e conversão de Frei Agostinho: entre a aprendizagem e o ensino da Cruz*. Lisboa e Braga: Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa.
- Ferreira, Maria. 1957. "O sentimento religioso em Frei Agostinho da Cruz". Dissertação de Licenciatura, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Maerki, Thiago. 2016. "A poesia mística e a mística poética: notas sobre a poesia sacra de frei Agostinho da Cruz (1540-1619)". *Grande Sinal* (3): 243-59.
- Pascoaes, Teixeira de. 1987. *Os Poetas Lusíadas*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Petrarca, Francesco. (1470) 2018. *Rimas*, traduzido por Vasco Graça Moura. Lisboa: Quetzal Editores.

Remédios, Mendes dos. 1918. "Prefácio". In *Obras de Fr. Agostinho da Cruz*, 55. Coimbra: França Amado – Editor.

Rieu, Josiane. 2012. "Le langage pétrarquiste de la poésie spirituelle: quelques recueils catholiques". *Studia Litteraria Universitatis Iagellonicae Cracoviensis* 7 (2): 69-84. <https://doi.org/10.4467/20843933ST.12.006.0958>.

Silva, Vítor Manuel de Aguiar. 1971. "Apêndice I". In *Maneirismo e Barroco na Poesia Lírica Portuguesa*, 505-31. Coimbra: Centro de Estudos Românticos.

Vasconcellos, Carolina. 1924. *A questão da Naturalidade de Diogo Bernardes e Fr. Agostinho da Cruz*. Ponte de Lima: Tipografia Guimarães.